**Estágio em Educação Infantil: um espaço para trabalhar a diversidade étnico-cultural brasileira**

*Aline Hernandes de Carvalho[[1]](#footnote-1)*

*Jéssica Mami Makino[[2]](#footnote-2)*

**EIXO TEMÁTICO:** X - Formação de professores e educadores de infância

**RESUMO**

O presente trabalho relata o projeto de estágio denominado “Chico Science apresenta o samba de coco e o maracatu” realizado por graduandas do curso Pedagogia da FFCLRP/USP com crianças de três anos de uma creche do município de Ribeirão Preto. A intervenção teve como objetivo propiciar a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações culturais de origem afro-brasileiras, especificamente o samba de coco e o maracatu, bem como suas influências nas artes gráficas, na música e no movimento de contracultura denominado Manguebeat.

**Palavras-Chave:** Educação Infantil, Estágio curricular, Formação de professores, Lei 11.645/08, Diversidade étnico-racial.

**INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos, a Educação Infantil tem feito um movimento de romper com uma visão adultocêntrica de criança e encontrar formas de captar suas práticas sociais tão ofuscadas pelas práticas escolarizadas presentes fortemente no contexto educativo da creche e da pré-escola. A construção de uma pedagogia cujo centro é a própria criança, busca compreender e refletir sobre os processos de constituição dos infantes como seres humanos em diferentes contextos sociais, suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. Para construir esse novo olhar para a criança é preciso abandonar o modelo histórico-social de educação escolar em que as manifestações culturais das crianças são consideradas como pouco educativas, em que o brincar é visto apenas como atividade lúdica desprovida de aprendizado. Nesse sentido, a proposta do estágio na formação dos/as professores/as da educação infantil tem se constituído como um caminho para a construção de um outro olhar, uma nova visão que entenda a creche e a pré-escola como um espaço de produção de pesquisa e conhecimento dos universos infantis (CERISARA et al, 2002).

Considerando esse olhar atento ao universo infantil, este trabalho trata do relato da experiência de estágio de duas graduandas do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Todas as decisões tomadas durante a construção e execução do projeto foram fruto de discussões das autoras deste trabalho em parceria com a graduanda Olívia Machado Borges.

O estágio curricular obrigatório tem início já no segundo ano do curso se estendendo até o final. O estágio de Educação Infantil é realizado ao longo do quarto ano organizado de modo que no primeiro semestre as/os graduandas/os investiguem a unidade educacional em que realizam o estágio nos seus aspectos físico-estruturais, o projeto pedagógico desenvolvido, as relações humanas e como esse lugar pode ser lido a partir dos indicadores de qualidade da Educação Infantil (BRASIL, 2009). Essa investigação é realizada em duplas para que as/os estudantes possam intervir na realidade escolar com qualidade, realizando o exercício democrático de conviver com diferenças, lidar com os conflitos e atingir o consenso (CORRÊA, 2010, p. 41). No final desse semestre, as duplas apresentam um projeto de intervenção a ser desenvolvido com os sujeitos de uma das turmas observadas. O projeto apresenta como serão realizadas as atividades, a temática escolhida, as estratégias, a metodologia ser utilizada, os materiais que serão confeccionados. Constam ainda a forma de registro, avaliação e reflexão dos encontros, bem como os saberes construídos com as crianças serão divulgados aos demais membros da comunidade escolar.  Todo esse material precisa ser aprovado pela professora responsável pela turma e pela direção da escola.

**Escolha do tema**

Durante o período de observação realizado na creche, as estagiárias buscaram conhecer os projetos pedagógicos por meio do diálogo com as professoras e da gestão e análise de documentos. Naquele momento estava sendo desenvolvido um projeto musical em que, cada mês, eram trabalhadas canções de renomados músicos brasileiros com o intuito de ampliar o repertório das crianças. Devido à inclinação e trajetória musical de uma das estagiárias e da professora supervisora do estágio, ambas autoras deste trabalho, a temática musical trabalhada pela creche foi vista como um espaço para que novas experiências musicais pudessem ser trabalhadas com a turma escolhida.

Outro fator que contribuiu para a escolha do tema foi à resistência em meio ao contexto político e social vigente em que discursos desrespeitosos à cultura de origem afro-brasileira puderam ser observados. Embasadas na lei nº 11.645/08 (BRASIL, 2008) que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, as graduandas escolheram  realizar um trabalho que resgatasse e mostrasse, de forma crítica, a contribuição da cultura africana na constituição das manifestações culturais brasileiras denominadas samba de coco e maracatu, com ênfase ao movimento de contracultura iniciado pelo cantor e compositor pernambucano Chico Science na década de 1990 .

**DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

O projeto contou com proposições nas linguagens artísticas anteriormente citadas para contemplar a temática do maracatu e do *manguebeat*. Foram confeccionados dois bonecos de pano, sendo um representante do cantor e compositor Chico Science e uma boneca negra que representou a princesa africana Calunga, personagem do cortejo do maracatu. Além dos bonecos, o elo entre todos os encontros foi um livro de pano confeccionado pelas estagiárias que trouxe as experiências vivenciadas pelo personagem Chico Science pelo Nordeste, narradas em versos cordelinos típicos da região.

Outro elemento levado às crianças e que endossa o trabalho com a temática africana foram as bonecas abayomi. Após a contação da lenda da Calunga, mostramos a confecção das bonecas destacando suas origens e seu caráter simbólico de resistência. Ao término, presenteamos as crianças com bonecas produzidas anteriormente e que foram logo utilizadas nas brincadeiras de faz-de-conta.

Dentre todas as proposições elaboradas para os encontros com as crianças, neste texto optamos por centrar nossas reflexões nas ações relacionadas às linguagens de dança e música. Essa escolha se deu porque Chico Science, o personagem central do projeto, era músico e falava com dança e música a história da resistência dos grupos oprimidos de Pernambuco.

**Dança**

Ao trabalhar com manifestações culturais ligadas diretamente às linguagens da dança e da música, inserimos em nosso projeto atividades que oportunizassem a vivência de diferentes práticas corporais, de forma lúdica e prazerosa. Ao possibilitar a expressão, a criatividade e a autodescoberta de novas movimentações, as atividades que utilizam o movimento possuem a função de integrar, propor novas possibilidades de encontro consigo, com o mundo e com o conhecimento. A descoberta de um universo de informações e sensações que se inicia pelas mãos, expande-se por meio da utilização de todo o corpo e os movimentos promovidos pela dança contribuem para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança na primeira infância (CAMARGO; FINCK, 2010).

O samba de coco e o maracatu, de origem africana e são típicas da região Nordeste do Brasil, possuem andamento rápido e grande densidade de timbres. A dança é caracterizada por movimentos rápidos e marcantes. As saias rodadas e calças bufantes utilizadas pelos/as dançarinos/as juntamente com os movimentos de braços e giros, permitem grande amplitude de gestos e movimentos e conferem aos ritmos trabalhados características culturais e étnicas próprias.

O trabalho corporal realizado por meio da dança possibilita abordar as diversas etnias e diferenças culturais, gerando oportunidade de contextualizar o tema e constituindo relações de cooperação, entre a sociedade, a cultura e a educação (CAMARGO; FINCK, 2010). Para inserir esse novo universo cultural da dança nordestina, levamos para as crianças vídeos de grupos dançando samba de coco e maracatu paramentados com as vestimentas típicas e fazendo uso dos instrumentos musicais utilizados. No primeiro encontro, trabalhamos o samba de coco usando um vídeo curto do grupo de dança Sucena Maringá. Durante a execução do vídeo, as crianças tomaram a iniciativa de se levantarem e começaram a imitar os passos feitos pelos dançarinos, batendo os pés no chão, pulando e rodando, sozinhos ou de mãos dadas com os colegas. A atividade que estava planejada para durar cinco minutos foi estendida a pedido das crianças e durou cerca de quarenta minutos, pois ao perceber o envolvimento de toda a turma com a dança, fizemos ouvir as vozes das crianças permitindo que elas ocupassem o local de fala que é seu por direito e agissem com autonomia. Surpreendeu o tempo de dedicação à atividade, uma vez que, para essa faixa etária o tempo de atenção é considerado curto. Atribuímos o tempo estendido à possibilidade de não fazer dessa atividade uma ação estritamente dirigida, mas um espaço de exploração corporal que respeitou o tempo e as iniciativas individuais sem extrapolar o cronograma da creche.

Nos encontros posteriores, buscamos inserir momentos de dança com os diferentes ritmos e levamos às crianças saias, que também se transformavam em capas, confeccionadas em chita (padronagem muito utilizada nos costumes das danças populares) e mostramos diferentes formas de rodá-las ao ritmo da música. Para participar da brincadeira com as crianças, confeccionamos saias de chita para nós, estagiárias, e para as professoras da turma e, entramos na dança fazendo movimentos de giro e balançando as saias semelhante à dança do samba de coco. Ao verem os movimentos, as crianças começaram a imitar os gestos e a dançar conosco. A versatilidade do modelo de saia confeccionado - saia envelope - permitiu que as crianças a usassem como capa. Embora tivéssemos o papel de mostrar às crianças esse outro uso da saia, a brincadeira do faz-de-conta foi proposta por elas e, quando menos esperávamos, uns eram super-heróis, outros eram borboletas e passarinhos. A autonomia infantil se instalou novamente e pudemos observar a desconstrução do limite de gênero quando tanto meninos quanto meninas fizeram uso da saia para dançar e da capa para brincarem de super-heróis.

**Música**

Durante todo o projeto de estágio, a música esteve presente nos momentos de dança, de exploração de instrumentos, de brincadeiras rítmicas com o uso do próprio corpo e de brincadeiras musicais diversas. Disponibilizamos, durante três encontros, diferentes instrumentos musicais (violão, pandeiro, alfaia, reco-reco, triângulo, xequerê, coco, chocalhos diversos, entre outros) para que as crianças pudessem explorar os diferentes timbres e modos de tocar e buscamos mostrar diferentes formas de manusear os instrumentos ampliando o repertório das crianças. Durante as brincadeiras, trabalhamos as propriedades musicais - intensidade (fraco e forte), altura (agudo e grave) e velocidade (lento e rápido) - relacionando-as à movimentação do corpo e de objetos lúdicos, como o tecido que servia de extensor de movimento e a tinta que deixava o registro dos passos das crianças no algodão cru.

A experiência musical nos trouxe a compreensão do “revisitar”. A primeira experiência com os instrumentos musicais foi caótica e excitada: as crianças experimentavam os instrumentos com a sede de quem encontra a novidade e o receio de não encontrá-la de novo. Diante do julgamento de outros adultos em relação ao barulho o que fazer? Pela recomendação na supervisão, seria propiciar esse momento de novo e de novo. No movimento de “revisitar” a experiência, as crianças foram investigando os instrumentos de modo menos caótico e mais experimental, às vezes isoladas, às vezes em pequenos grupos, num movimento de se apropriar desses objetos como meio de produzir diferentes qualidades de som.

A escolha musical uniu elementos da música tradicional nordestina pela história de resistência cultural do samba de coco e do maracatu e a atualidade do *manguebeat* de Chico Science. O nome desse movimento musical nasceu da valorização do trabalho do catador de caranguejo que se afunda na lama do mangue em fusão com o ritmo da música eletrônica, o *beat*, num movimento antropofágico de resistência e ressignificação cultural.

Se as tradições do samba de coco e do maracatu foram apresentadas às crianças pela dança, a atualidade do *manguebeat* foi introduzida por meio do teatro de bonecos que contou a história da música *Maracatu atômico*, de Chico Science. O encontro entre música e teatro foi potencializado com a caça ao caranguejo, proposição sensorial em que as crianças procuravam nas lamas dos caixotes os caranguejos de brinquedo, um pretexto para que sentissem a temperatura da argila em estado líquido, a sua viscosidade, opacidade e percebessem enquanto brincavam e se familiarizavam com esse material, a dificuldade que o catador de caranguejo, trabalhador braçal, afrodescendente, enfrenta para manter o seu sustento.

A música, nesta experiência de estágio, propiciou o acesso a elementos estéticos, culturais e sensoriais e, aliada a outras linguagens (dança e teatro), foi utilizada como meio de investigação do mundo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de estágio relatada possibilitou ver a importância de se trabalhar a diversidade étnico-racial em sala de aula promovendo o reconhecimento da pluralidade da sociedade brasileira formada por diferentes culturas e histórias e, essas diferenças, se fazem presentes no espaço escolar.

A proposição do samba de coco e do maracatu, trata, então, de tema de esforço decolonial (CATELLI, 2012), levando às crianças gêneros musicais construídos por povos escravizados e que, por não fazerem parte de seu cotidiano sonoro, oportuniza a criação de um contexto musical diversificado, apresentado de modo lúdico. Enquanto as crianças dançavam e brincavam, fluidificavam as fronteiras entre o universo desconhecido do samba e do maracatu com a representação dos super-heróis vestidos de capas de chita, num exercício de ressignificar padrões coloniais (super-heróis brancos, homens, símbolos de dominação cultural) com informações de resistência (dança, música e história afro-brasileira). Essa ressignificação também foi possível por meio da figura da boneca princesa negra, a Calunga. Durante a mostra realizada no último dia do projeto, uma mãe negra pediu ao filho que lhe dissesse quem era aquela boneca que estava em exposição e o menino respondeu ser a princesa Calunga. Nesse momento, a mãe, sentindo-se representada, disse ao filho: “olha, filho, a princesa tem o cabelo igual ao da mamãe, viu?! Ela é linda né?” e o menino respondeu que sim. Nesse momento, uma das alunas que também é negra estava perto e, ao ouvir, disse que a boneca era bonita e a mãe do menino respondeu “bonita igual a você.”, deixando a menina muito feliz.

Ao pensar o espaço escolar como um lugar de sujeitos diversos, destaca-se o papel do professor como mediador na relação ensino-aprendizagem e como sujeito responsável por garantir que as crianças tenham acesso à cultura historicamente construída pela humanidade. Para garantir os direitos das crianças ao conhecimento, o educador deve instigar a curiosidade dos educandos, possibilitando novas experiências imaginativas e momentos em que a capacidade de expressão, por meio das diferentes linguagens, seja realizado com intencionalidade e planejamento.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Indicadores da qualidade na Educação Infantil**.  Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso: 18/11/2019.

CAMARGO, D.; FINCK, S. C. M. A dança inserida no contexto educacional e sua contribuição para o desenvolvimento infantil. **InterMeio**,Campo Grande, MS, v. 16, n. 32, p. 62-74, jul./dez. 2010.

CATELLI, L. **Hacia una crítica (des)colonial**: los estudios coloniales y el pensamiento descolonial. Disponível em: <http://2012.cil.filo.uba.ar/sites/2012.cil.filo.uba.ar/files/0095%20CATELLI,%20LAURA.pdf >. Acesso: 18/11/ 2019.

CERISARA, A. B. et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 4, n. 5, p. 12-20, jan. 2002.

CORRÊA, B. C. Experiências de estágio em um curso de pedagogia: vivências e desafios em busca de uma formação de qualidade. In: ARAÚJO, E. S., PACÍFICO, S. M. R. (org.). **Docência e gestão:** a aprendizagem em situação de estágio. Ribeirão Preto: FFCLRP da USP, 2010.

1. Graduanda em Pedagogia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP), membra do grupo de Estudos e Pesquisas Retórica e Argumentação na Pedagogia (USP/CNPq) e do grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia Hospitalar – GEPPH. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Contato: aline.hernandes.carvalho@usp.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Licenciada em Educação Artística com habilitação em Música, mestre e doutora pelo Instituto de Artes da Unesp. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, membro do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia. Contato: jmakino@usp.br. [↑](#footnote-ref-2)